

# CASA DOS PÁSSAROS, PRECURSOR DE UM MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL OU APENAS LOCAL DE PREPARAÇÃO DE MATERIAL ZOOLOGICO A SER ENVIADO PARA PORTUGAL

José Mario d`Almeida  
Pós Doutorado, HCTE, UFRJ

Regina Maria Macedo Costa Dantas  
Supervisora, Pós Doutorado, HCTE, UFRJ

## **RESUMO**

A Casa de História Natural foi criada pelo Vice-Rei D. Luis de Vasconcelos e Souza em 1784, conhecida pela população como “Casa dos Pássaros”. O Vice-Rei convidou para administrar a instituição o artista catarinense Francisco Xavier Cardoso Caldeiras, conhecido como Xavier dos Pássaros. Na Casa dos Pássaros, Xavier dos Pássaros preparava exemplares da fauna brasileira para serem enviados para Portugal. Com o presente trabalho, espera-se elucidar algumas dúvidas, dentre elas, se a Casa dos Pássaros foi realmente precursora do Museu Nacional e o destino dado aos exemplares zoológicos montados por Xavier dos Pássaros após a extinção da Casa de História Natural.

**PALAVRAS – CHAVE:** História da Biologia, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

O homem, desde a pré-história, acostumou-se a reunir objetos, atribuindo-lhes valores. A partir dessa prática de colecionar objetos, poderíamos dizer que surgiram os museus. A palavra “museu” originou-se na Grécia “mouseion”, significando “casa das musas”. Contudo, só nos séculos XVI, XVII e XVIII os museus e os gabinetes de curiosidades foram se disseminando pela Europa. Nas Américas, a Casa de História Natural, conhecida também como “Casa dos Pássaros”, foi a primeira instituição ligada às Ciências Naturais, criada em 1781 pelo Vice Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza. Alguns autores afirmam que a Casa dos Pássaros deu origem ao atual Museu Nacional, incorporado a Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1941 (CARVALHO, 1988).

Essa instituição, a mais importante e antiga da América Latina, abriga importantes acervos nas áreas de Zoologia, Botânica, Arqueologia e Antropologia. No entanto, existem controvérsias relacionadas com a história da Casa dos Pássaros, como

precursora do Museu Nacional (NETTO, 1870; LOPES, 1997), como também, do destino dado às coleções, após a sua extinção em 1813.

Com o tema proposto, espera-se responder às seguintes indagações: 1) A Casa dos Pássaros foi realmente precursora do Museu Nacional? 2) Qual destino foi dado aos exemplares zoológicos montados por Xavier dos Pássaros após a extinção da Casa dos Pássaros? Com os problemas formulados, objetiva-se pesquisar o desenvolvimento urbano da cidade do Rio de Janeiro, no governo do Vice Rei D. Luiz de Vasconcelos (1778-1790), contextualizando a História Natural no Brasil Colônia, antes e durante o governo do Conde de Figueiró, com fatos que contribuíram para a criação da Casa dos Pássaros, bem como a sua relação com o Museu Real, criado por D. João VI em 1818. Será avaliado, também, o destino dado aos exemplares zoológicos, montados na Casa dos Pássaros, que não foram enviados para Portugal, bem como aqueles enviados para Lisboa, se para o Museu da Ajuda e/ou para um gabinete de curiosidades de propriedade de D. Luiz de Vasconcelos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Com a vinda do Vice Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza, Conde de Figueiró (1740-1807), em 30 de abril de 1778, o Rio de Janeiro passou por importantes transformações. O Vice-Rei, envolvido pelo Iluminismo, deu elevado apoio às artes e ciências, executando obras que embelezaram a cidade. D Luiz de Vasconcelos, dentre os seus feitos, priorizou o saneamento, abastecimento de água e urbanização, adequando a cidade a um novo conceito europeu de cidade (CARVALHO, 2003).

Apesar das realizações do Conde de Figueiró, o desenvolvimento científico e tecnológico da colônia era incipiente, como também o de Portugal, contudo, com a coroação de D. José I e a ascensão do Marques de Pombal, o governo português, nas Ciências Naturais, viu saída para a crise de reordenamento de suas estruturas políticas e econômicas (BARBATO, 2009). Pombal, imbuído nesse espírito do iluminismo, prevalescente na Europa, convidou o naturalista Domenico Vandelli para lecionar na Universidade de Coimbra, onde foi lente de química e história natural, como também foi diretor do Jardim Botânico, instituição cuja principal função era a aclimação de plantas úteis (KURY & MUNTEAL Fº, 1995).

Segundo Naxara (1999), Vandelli incentivou as viagens às Américas, objetivando coletar plantas e animais, além de potencializar a utilização de recursos naturais encontrados nas colônias. Preocupado com o êxito das viagens, Vandelli escreveu um manual de coletas “Manual de Viagens” (NAXARA, 1999). Mesmo assim, o desenvolvimento das Ciências Naturais na colônia só se desenvolveu de maneira efetiva com a chegada da família real em 1808. Convém salientar que, por meio do incentivo dado por Vandelli, ocorreram algumas viagens filosóficas às colônias, dentre elas, destaca-se a de Alexandre Rodrigues Ferreira, realizada entre 1783 e 1792. No tempo dos Vice Reis, além das viagens filosóficas programadas em Portugal, foram também observados alguns avanços científicos no Brasil, como a fundação em 1771 da Academia Científica, composta principalmente por médicos. Todavia foi extinta em 1779 e recriada no vice reinado de D. Luiz de Vasconcelos com o nome de Sociedade Literária do Rio de Janeiro (KURY & MUNTEAL F<sup>o</sup>., 1995).

Dentre as obras de embelezamento da cidade, feitas pelo Conde de Figueiró, destaca-se a construção do Passeio Público. Para executar esse projeto, Dom Luiz de Vasconcelos convidou o Sr. Valentim da Fonseca e Silva (1745-1813) conhecido como Mestre Valentim (DIDONÉ & MAKWIECK, 2014). Mestre Valentim um dos maiores artistas do Brasil Colônia projetou para o Passeio Público um jardim estilo francês, pautado na linearidade, regularidade e geometrização (BOITEUX, 1918). No fundo do jardim do Passeio Público projetou um terraço que avançava sobre a Baía de Guanabara, para essa construção foi necessário aterrar a lagoa do Boqueirão, que havia se tornado insalubre (BOITEUX, 1918). Sobre esse terraço, Mestre Valentim construiu 2 pavilhões quadrangulares, o da direita denominado Apollo e o da esquerda Mercúrio, esses belos prédios não resistiram ao movimento das marés e ressacas, ruindo completamente em 1817 (DIDONÉ & MAKWIECK, 2014). Para decorar esses prédios, Mestre Valentim convidou o pintor Leandro Joaquim (1738-1798) e os Srs. Francisco Xavier Cardoso Caldeiras e Francisco dos Santos Xavier, ambos catarinenses, conhecidos como Xavier dos Pássaros e Xavier das Conchas, respectivamente (DIDONÉ & MAKWIECK, 2014).

Com o término da construção do Passeio Público, o Vice-Rei convidou Xavier dos Pássaros para criar e administrar um museu, pioneiro no Brasil, denominado Casa de História Natural (1784), conhecido pela população como “Casa dos Pássaros”, talvez

pela afinidade do seu diretor pelas aves. Todavia, Xavier dos Pássaros também preparava outros animais, dentre eles insetos. Em 1783 o Vice-Rei enviou para Lisboa uma coleção de borboletas, que foi admirada, não só pela Corte, como também, pelos zoólogos do Museu da Ajuda (PAPAVERO & TEIXEIRA, 2013).

Diante das informações de Alves (2015) o prédio que abrigou a Casa de História Natural foi construído na atual Avenida Passos, no centro da cidade do Rio de Janeiro, no entanto, devido a lentidão na construção e o envolvimento do Xavier dos Pássaros com as tarefas, improvisou um “barracão” onde pudesse trabalhar.

Ladislau-Neto (1870), descreveu que D. Luiz de Vasconcelos contratou auxiliares para o Sr. Francisco Caldeiras: dois ajudantes, três serventes e dois caçadores. Dentre esses ajudantes, destaca-se o Sr. João de Deus Matos, que mais tarde foi porteiro, preparador e guarda do Museu Real, na gestão do primeiro diretor, Frei José da Costa Azevedo, chegando até mesmo a ser diretor interino (1822-1823) (Os diretores do Museu Nacional, 2007-2008).

Ladislau-Neto (1870) apresentou, minuciosamente, o local escolhido para abrigar a “Casa dos Pássaros”:

Toda a parte occidental da larga bacia em que se acha edificada a capital do Imperio era uma quasi restinga, invadida aqui e alli nos preamares pelas aguas do oceano,--região meio mar, meio terra-aonde, espaçadas, encontravão-se apenas raras habitações. O mar, como usurario zeloso de seus antigos e extensos dominios, ia abandonando, porém, mau grado seu, aos incolas invasores, todo esse territorio que em grande parte lhe pertencia ainda nas enchentes, e como, por isso. não pequenas e poucas lagoas lhe ficavão servindo de vestígios, desdo actual matadouro, por onde entrava, até o campo de Sant'Anna, as aves aquaticas que ora povoão os alagadiços da Praia-Formosa, vinhão então sem receio, adejando, de vôo em vôo, até pousarem no lago visinho à Caza dos Passaros de cujas janellas caçavão-nas à tiros os seus preparadores.  
(LADISLAU NETTO, 1870)

O término do Vice Reinado de D. Luiz de Vasconcelos em 1790, a morte de Xavier dos Pássaros em 1810, associados ao desinteresse do Vice Rei Conde de Resende (1790-1801), que sucedeu o Conde de Figueiró, pela História Natural, a Casa de História Natural foi abandonada e em 1813 extinta por D. João VI (MUSEU REAL, 2015).

Posteriormente o prédio foi ocupado pelo Erário Público e depois pelo Tesouro Nacional (MUSEU REAL, 2015). Esse prédio, como muitos outros, foi demolido na

década de 1930, envolto em um “frenesi” de demolições, por conta da construção da Avenida Presidente Vargas (PACCINI, 2015).

Observa-se na literatura algumas controvérsias sobre o destino das coleções da “Casa dos Pássaros”, alguns autores, como Carvalho (1988), Coelho de Sá (2012), dentre outros, afirmam que as coleções foram incorporadas ao Museu Real criado em 1818 por D. João VI, porém examinando as obras clássicas de Ladislau-Netto (1870) e de Lacerda (1905), constata-se que as coleções que permaneceram no Brasil foram perdidas por falta de um tratamento apropriado. Ladislau-Netto (1870), relata que as coleções foram enviadas para Academia Real Militar, localizada no Largo de São Francisco, contudo, o autor lamenta a forma inapropriada como foram acondicionadas:

Era o sarcophago em que houverão por bem sepultar os restos mortaes d'aquelle mal vingado e tão cedo asphixiado começo do nosso primeiro musêu. Pouco tempo depois tendo-se encarregado o General Napión de vir caridosamente exhumal-os,- na cabal accepção do verbo - apenas achou em estado de imperfeita conservação cerca de cincoenta exemplares dos mil passaros e dos muitos outros animaes, que tinham sido alli depostos. Por sua iniciativa e illustrada coadjuvação, forão elles conduzidos ao Arsenal do Exercito (hoje da Guerra) e conservados naquelle estabelecimento d'envolta com uma bella collecção mineralógica e alguns instrumentos phisicos destinados aos estudos praticos dos alumnos da antiga Academia Militar.  
(LADISLAU NETTO, 1870)

Na opinião de Brigola (2004), o objetivo da Casa de História Natural, por mais de 20 anos, foi colecionar, armazenar e preparar produtos para serem enviados para Lisboa. Examinando a literatura, pode-se, até mesmo, questionar se realmente o Vice-Rei teve interesse em criar um museu no Brasil, ou se pretendia, apenas, montar um gabinete de curiosidades, ainda segundo esse mesmo autor, D. Luis de Vasconcelos de volta a Portugal criou um gabinete de curiosidades.

No entanto, convém ressaltar que o envio de material científico para Portugal, antes da chegada da família Real, era regulamentado por lei, tanto assim, que em 1768 o Marques de Pombal determinou que, animais e vegetais das colônias portuguesas fossem enviados para Lisboa, onde seriam depositados nos museus (PAPAVERO & TEIXEIRA, 2013). Portugal, nessa época, acompanhava a trajetória do colecionismo; de amador ligado aos gabinetes de curiosidades, até o colecionismo científico que visava

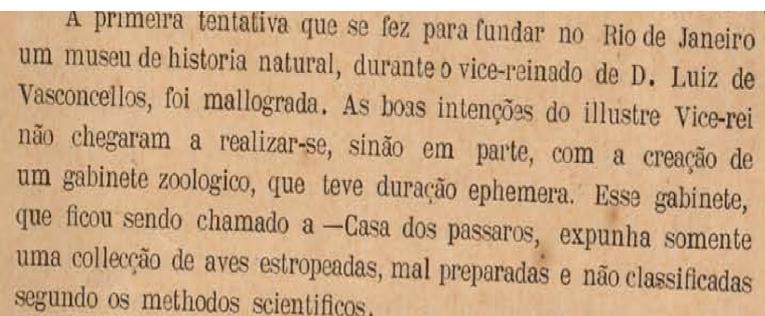
enriquecer as coleções dos museus de história natural e jardins botânicos (CAMARGO, 2006)

No Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro, existe uma coleção de 31 volumes de correspondências entre os Vice-Reis e a Coroa Portuguesa, sobre coleta e remessa de animais da fauna brasileira para Portugal. Dentre essas correspondências, algumas solicitavam o envio de animais vivos (PAPAVERO & TEIXEIRA, 2013), muitos desses pedidos foram cumpridos por Xavier dos Pássaros. Sobre a finalidade da Casa de História Natural, Ladislau-Neto (1870) elegantemente afirma:

Luiz de Vasconcellos, illustrado e bondoso vice-rei do Brasil, que tanto se interessou pelo engrandecimento e salubridade do Rio de Janeiro, não menos attento ao movimento litterario e scientifico do velho continente que apreciador do magnifico paiz que lhe havia sido confiado, resolveu fundar, à beira da pequena lagôa chamada do Panella, em cujo local se achão hoje edificadas a matriz da freguezia do Sacramento e parte das ruas contiguas, um musêu de historia natural que, à julgar pelas bases de que fiz menção no capitulo antecedente, seria ainda hoje um hello ornamento para a nossa capital. Emquanto, porém occupava-se em construir o projectado edificio, deu-se pressa o vice-rei em lhe improvisar ao sopé um deposito de productos zoologicos do Brasil, destinados sobretudo ao augmento das colleccões brasileiras do musêu metropolitano.

(LADISLAU NETTO, 1870)

João Batista de Lacerda, cientista de conhecimento extremamente apurado (médico, zoólogo, arqueólogo e antropólogo) diretor do Museu Nacional (1895-1915), na sua obra *Fastos do Museu Nacional* (1905), questiona a finalidade da Casa dos Pássaros, como também a importância científica das coleções, chegando até mesmo a criticar as classificações, feitas de modo incorreto:



A primeira tentativa que se fez para fundar no Rio de Janeiro um museu de historia natural, durante o vice-reinado de D. Luiz de Vasconcellos, foi mallograda. As boas intenções do illustre Vice-rei não chegaram a realizar-se, sinão em parte, com a criação de um gabinete zoologico, que teve duração ephemera. Esse gabinete, que ficou sendo chamado a —Casa dos passaros, expunha somente uma colleção de aves estropeadas, mal preparadas e não classificadas segundo os methodos scientificos.

(LACERDA, 1905)

Dom João VI em 1818, após ter extinto em 1813 a Casa de História Natural, criou o Museu Real, localizado no Campo de Santana, em um prédio (figura), entre as antigas

ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição (MUSEU REAL, 2015). Destaque para a afirmação de Dantas (2008), de que a influência da Princesa Leopoldina foi deveras importante para a criação do Museu Real.

O primeiro diretor foi o Frei José Batista da Costa Azevedo, franciscano e professor de Botânica e Zoologia da Academia Real Militar (SILY, 2008). Após a Independência foi denominado Museu Imperial, permanecendo no Campo de Santana até a Proclamação da República, onde recebeu a denominação de Museu Nacional. Em 1892, após o término dos trabalhos da Constituinte Republicana, o Museu Nacional foi transferido para o Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista (CARVALHO, 1988).

Como metodologia para realizar o presente trabalho, serão consultados os arquivos do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, bem como documentos depositados no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional. Como fontes secundárias serão pesquisados artigos em periódicos depositados em bibliotecas e obtidos por meio da informática.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. J. V. Museu Nacional – Uma Luz no Longínquo Fim do Túnel ?. *Revista Museu. Disponível em: (<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco.asp?id=2510>). Acessado em 2015.*

BARBATO, F.T., Natureza, Ciência e Progresso: A Natureza Brasileira no Debate Letrado do IHGB (1839-1845), *Aedos*. v 2, n. 3, p. 97-114, 2009.

BOITEUX, H. Mestre Valentim e a arte catarinense. *Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. v. 7, p. 98-104, 1918.

BRIGOLA, J. C. *Viagem, ciência e administração no Brasil Colônia-os gabinetes setecentistas de história natural de Luis Pinto de Balsemão, de Luis de Vasconcelos e Souza e de Luis de Albuquerque Cáceres. Coleções, gabinetes e museus em Portugal no séc XVIII*, Lisboa, Fundação para a Ciência e Tecnologia \ Fundação Caluste Gulbenkian, p.331-339, 2004.

CAMARGO, T. Colecionismo, Ciência e Império. Atas da VI Jornada Setecentista, p. 576-587, 2006.

CARVALHO, A. M. F. M., *Mestre Valentim*, São Paulo. Cosac & Naify Edições, 2003.

CARVALHO, J. C. M. Museu Nacional de História Natural. *Revista Brasileira de Zoologia*, v. 54, n. 4, p. 633-635, 1988.

COELHO de SÁ, I. *Pesquisa, Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil*. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XIII ENANCIB, 2012.

DANTAS, R.M,M,C., A Casa do Rei: reflexões sobre a moradia de D. João VI no Brasil. In: A Guerra Peninsular: Perspectivas Multidisciplinares: Actas/ Congresso Internacional e Interdisciplinar evocativo da Guerra Peninsular. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 475-499, 2008.

DIDONÉ, F. M.; MAKOWIECK, S. Passeio Público do Rio de Janeiro e uma história que pode ser revista: os catarinenses Xavier das Conchas e Xavier dos Pássaros. *Revista Ciclos, Florianópolis*, v. 2, n.3, p. 61-72, 2014.

KURY, L.B.; MUNTEAL F<sub>o</sub>, O., Cultura Científica e Sociabilidade Intelectual no Brasil Setecentista: um Estudo acerca da Sociedade Literária do Rio de Janeiro. *Acervo*, v.8., n. 1-2, p.105-122, 1995.

LACERDA, J. B. *Fastos o Museu Nacional*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1905.

LADISLAU NETTO, *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio e Janeiro, acompanhadas de uma breve noticia de suas coleções e publicadas por ordem do Ministério da Agricultura*. Rio de Janeiro, Instituto Philomatico, 370 pp, 1870.

MUSEU REAL. Disponível em: <file:///C:/Users/JOSMAR~1/AppData/Local/Temp/Low/21EQBK22.htm>. Acessado em 2015.

LOPES, M. M. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

NAXARA, M. R.C., Sobre o Campo e a Cidade:- olhar, sensibilidade e imaginário. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Campinas [s.n.], 1999.

PACCINI, P. Disponível em: <http://www.semprerio.com/pt/home/itemlist/user/98-paulopaccini>, acessado em 2015.

PAPAVERO, N. TEIXEIRA, D. M. Remessa de Animais de Santa Catarina (1791) para a “Casa dos Pássaros” no Rio de Janeiro e para o Real Museu da Ajuda (Portugal), *Arquivos de Zoologia*, v. 44, n. 4, p. 185-209, 2013.

SILY, P. R. M. Práticas Educativas do Museu Nacional do Rio de Janeiro no início do século XX. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2008.

PUBLICAÇÕES DO MUSEU NACIONAL, *Os Diretores do Museu Nacional*, 2007-2008. Disponível em: [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria\\_1.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf), acessado em 2016.